

Intervenções no cotidiano da Praça Ipiranga

*Juliana Sayumi Kobayashi*¹

Resumo

O seguinte trabalho aborda a intervenção urbana realizada na cidade de Cuiabá, na Praça Ipiranga. Esta é uma das principais praças da cidade, e se destaca por sua importância histórica, além de sua proximidade com o centro e outras praças importantes, e do grande fluxo de pessoas devido ao terminal de ônibus que liga Cuiabá a cidade vizinha de Várzea Grande. A ação de intervenção urbana gerou destaque a esse patrimônio da cidade, direcionando a atenção da população, assim como das autoridades para este e outros pontos de vivência da capital que resguardam a memória da cidade, mas que não possuem qualquer atenção, cuidados e manutenção por parte das autoridades. Buscou-se através da ação revitalizar a praça e seu uso original, como um espaço de lazer para os cidadãos.

Palavras-chave: Intervenção Urbana, Praça Ipiranga, Patrimônio.

Interventions in everyday Ipiranga Square.

Abstract

The following article discusses the urban intervention performed in the city of Cuiabá, in Ipiranga Square. This is one of the main squares of the city, and is notable for its historical importance, besides its proximity to downtown and other important places, and the large flow of people due to the bus terminal that connects Cuiabá to the neighbor city Várzea Grande. The urban intervention action has generated featured to this patrimony of the city, directing the attention of the population and the authorities for this and other points of living in the capital that protect the memory of the city, that has no attention, care and maintenance by the authorities. We sought through the action revitalize the square and its original use as a recreational space for citizens.

Keywords: Urban Intervention, Ipiranga Square, Patrimony.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, graduada em Publicidade e Propaganda. E-mail: kobayashi.js@gmail.com

No ambiente da sala de aula, no decorrer da disciplina de Tópicos especiais em Poéticas Contemporâneas V: Atrações Temporárias: práticas estéticas em espaços urbanos, de acordo com o repertório teórico trabalhado e como forma de avaliação estabeleceu-se a realização de um projeto de intervenção urbana. Intervenções urbanas são manifestações que ocorrem no espaço da cidade que consistem assim na interação com cenários pré-existentes buscando suscitar questões sobre essas paisagens. Esse trabalho consiste em um trabalho etnográfico, na realização da intervenção e a produção deste texto.

A etnografia é uma metodologia conhecida pela pesquisa de campo, entretanto, essa tem início com etapas posteriores. A primeira etapa envolve o levantamento de material bibliográfico acerca do tema que será trabalhado para que o pesquisador possa obter um conhecimento básico acerca da temática em questão. A segunda etapa consiste em elaborar um caderno de campo no qual serão feitas anotações, a terceira etapa é sair a campo e entrar em contato, ser inserido no grupo, local de estudo e a última consiste na elaboração do texto final sendo o pesquisador não apenas responsável por transcrever as falas e atos, mas também interpretá-los (DUARTE, 2008, p. 103-104).

Portanto, de acordo com as etapas mencionadas anteriormente, para a realização desse trabalho de intervenção urbana fez-se necessário o levantamento de dados acerca de diversos pontos na cidade de Cuiabá para definir qual ponto da cidade melhor se encaixaria nos objetivos do projeto. A escolha da Praça Ipiranga, se deu pelo fato de ser uma das maiores, mais antigas e principais praças de Cuiabá, localizada no centro da cidade. Ela tem destaque por ser um ponto de grande fluxo de pessoas devido a linha de ônibus que integra Cuiabá e Várzea Grande, ao órgão Ganha Tempo situado na praça, e a sua própria localização, no Centro, que sempre abarca um grande movimento de pessoas. Ela é uma praça cheia de atrações únicas, que marcam a história da cidade, que tem em suas proximidades outros pontos importantes, como a Praça Maria Taquara além do centro comercial, entretanto, é uma praça que não recebe atenção do governo e que, portanto, se encontra em condições precárias.



Figura 01: Terminal de ônibus que integra Cuiabá e Várzea Grande.

Ao sair a campo, munida dos materiais necessários para anotações e observações, fez-se necessário um esforço diferenciado ao chegar a praça. Sendo um ponto de destaque na cidade, aqueles que aqui vivem, inclusive os alunos que estão realizando o projeto, se deparam com uma primeira dificuldade: olhar o comum. Afinal, todos já transitaram por esta praça tão famosa e tem opiniões e olhares sobre este espaço, entretanto, quando a pesquisa etnográfica é realizada na sociedade do qual o pesquisador já faz parte, faz-se necessário que este a encare de uma nova forma, buscando estranhar sua própria cultura (DUARTE, 1008, p.100). Sendo assim, adentramos finalmente em campo, nesse espaço já conhecido, mas buscando observá-lo com outros olhos, atentando pra cada pequeno detalhe que antes passava despercebido, agora já munido com informações acerca do lugar, da história, acabamos percebendo este com um novo olhar e avaliamos as possibilidades de intervenção que o espaço possibilita e como poderemos ressignificar a Praça Ipiranga



Figura 02: Vista da Praça Ipiranga da esquina da Generoso Ponce.

A praça é localizada entre a Avenida Tenente Coronel Duarte (frente da praça, do lado oposto a Praça Maria Taquara) e a Rua Generoso Ponce; ao lado esquerdo, entre o Ganha Tempo e a praça temos a Travessa Des. Lobo, e a atrás a Rua Treze de Junho. Ao chegar na esquina próximo a praça, atravessando a faixa de pedestre na Rua Generoso Ponce, ainda a certa distância, o que nos captura é o verde. Há na praça diversas árvores, como palmeiras imperiais, acácias imperiais, primavera e o Gogó da Ema, uma palmeira centenária, retorcida, que lembra o pescoço da ave, ela inclusive esta sinalizada em uma das placas localizadas na praça, pois é uma árvore que não se encontra em outros pontos da cidade.

4



Figura 03: Gogó da Ema.

Os arbustos e demais plantas crescem aleatoriamente, sem quaisquer cuidados, alguns dos espaços destinados a árvores se encontram vazios, ou as árvores foram podadas restando apenas suas raízes prensadas no chão.



Figura 04: Árvore podada sem qualquer reutilização do espaço.

Na praça há um destaque para uma grande árvore, tanto em espessura quanto em altura, que parece morta, sem ostentar quais galhos ou folhas, que teve seu tronco cortado e cimentado.



Figura 05: Árvore de destaque na praça por seu porte e pelo seu estado.

Ao redor da praça encontramos três placas sinalizando o lugar, a primeira localizada na esquina principal com a Tenente Coronel Escolástico, a segunda um pouco mais adiante identifica novamente o nome da praça com referência ao Gogó de Ema, a terceira e última maior placa está localizada na esquina oposta as primeiras placas, está inclinada, quebrada e suja. Também podemos encontrar orelhões em sua maioria

descuidos e sujos espalhados por todo o local.



Figura 06: Uma das placas que sinalizam a praça em estado deplorável.

Percebe-se o enorme descaso com a praça, está tem um sério problema de estrutura, elementos básicos de sustentação estão danificados. Um exemplo registrado foi um cano que fornece água para a praça, mas que devido ao seu mau funcionamento gerava um desperdício de água, um aumento desnecessário nas despesas públicas, assim como outro problema na praça já suja, que fica alagada, que tem o lixo, folhas e fezes de pombos misturado pela água e levado por toda a praça pelos transeuntes.



Figura 07: Cano danificado na praça localizado ao lado do coreto.

Outro sério problema de estrutura identificado na praça refere-se a iluminação da praça, a noite devido a precariedade desta, aos postes de luz danificados, com as lâmpadas quebradas, queimadas ou com os postes tombados, torna essa praça um ambiente perigoso no período noturno, atraindo pessoas que buscam um lugar pouco hábito e passível de se fazer uso de drogas, bebidas alcoólicas, que dormem na praça, além de outros usos inadequados para esse espaço público.



Figura 08: Poste envergando devido ao mau uso e falta de manutenção.



Figura 09: Poste que não fornece qualquer iluminação, com utilidade apenas para os diversos pombos que habitam a praça.

Os pombos são animais constantemente vistos na praça, sua presença já se tornou algo habitual para aqueles que transitam por ela. Os pombos são encontrados em grandes quantidades, eles são vistos nos postes, no coreto, no chafariz, nas árvores, no chão. Não há um único lugar da praça em que esse animal não é encontrado. Pombos não são bem vistos por todos, isso se deve a quantidade de doenças que pode transmitir ao homem devido aos parasitas que pode carregar em sua plumagem e das bactérias e fungos que se proliferam em suas fezes. Infelizmente esses animais se procriaram sem qualquer controle, potencializando riscos a saúde da população além de auxiliar na degradação da praça com a quantidade de fezes que esses animais geram.



Figura 10: Pessoas que alimentam os pombos fazem com que esses permaneçam na praça.



Figura 11: Grande quantidade de pombos circulando livremente pelo local.

Outro problema que se acumula com as fezes dos pombos é o lixo espalhado pela praça. Apesar de certa assistência que a praça recebe da prefeitura com pessoas contratadas para varrerem a praça, a quantidade de folhas, fezes e lixo se amontoa de maneira muito rápida. Devido a grande circulação de pessoas, também há uma grande quantidade de resíduos gerados por estas, mas a praça não oferece uma estrutura adequada para recolhimento desse material. Os cestos de lixos estão quebrados, não tem suportes, muitos estão encostados nos canteiros das árvores, todos sujos.



Figura 12: Cestos de lixos disponíveis na praça.

Os pontos de lazer da praça, tanto o coreto quanto o chafariz se encontram em

estado semelhante a outros elementos na praça, todos mal conservados. O chafariz se encontra sem uso, e a única água nele decorre de chuvas. Há buracos no fundo deste, ele possui rachaduras, a pintura está desgastada e este serve de depósito de lixo e acumula fezes de pombos. O chafariz não possui qualquer uso, apenas ocupado um espaço na praça o que obriga os transeuntes a desviarem dessa estrutura.



Figura 13: Chafariz localizado no centro da praça.

O coreto abarca em seu teto uma quantidade imensa de galhos, folhas e pombas. Os ornamentos que deixavam sua superfície bonita estão tortos ou quebrados. Há rachaduras, a pintura é desgastada e é possível ver a ferrugem o consumindo, a corrosão pelo tempo. O coreto quase não tem utilidade, sendo raramente utilizado por grupos religiosos para suas manifestações. Entretanto, não há qualquer outro tipo de acontecimento, o coreto não é utilizado para a sua função primordial. Assim que chegamos perto deste, no início do dia, é possível perceber o forte cheiro de urina das pessoas que circularam pela praça no período noturno o que torna ainda mais difícil a aproximação e tentativa de utilização dessa estrutura.



Figura 14: Corrimão que dá acesso ao coreto.



Figura 15: Topo do coreto danificado pelo tempo e repleto de pombos.



Figura 16: Coreto da Praça Ipiranga

A praça se tornou apenas um ponto de passagem, ela é apenas uma parada para a espera do ônibus, para vendedores ambulantes como pipoqueiros e sorveteiros, um terreno pelo qual se transita para se chegar as lojas, ao poupa tempo, ou para ver os produtos oferecidos pelos camelôs. Ela é usada como ponto de encontro entre pessoas, mas que não fazem uso do lugar, o próprio ambiente degradado, sem bancos, onde o único lugar para sentar são as muretas ao redor das árvores, não é um espaço convidativo a permanência. As únicas pessoas que se fixam na praça por um período são os vendedores das barracas de camelôs, que são encontrados em grande quantidade. Entretanto eles não utilizam a praça com a finalidade para qual ela foi originalmente desenvolvida: um ponto de lazer, eles apenas se aproveitam do fluxo no perímetro para vender seus produtos. Outras pessoas que permanecem na praça por um longo período de tempo são mendigos ou sem teto, que assim como os vendedores fazem um uso da praça, mas não o uso de lazer ao qual ela se propõe.



Figura 17: Praça sendo usada como ponto de encontro.



Figura 18: Camelôs.



Figura 19: Mendigo dormindo na praça durante o dia.



Figura 20: Presença de vendedores ambulantes

Levantado os problemas existentes nessa praça, o grupo passou no decorrer das aulas e levantar hipóteses de ações de intervenções, para que essas destacassem esses

problemas, chamassem a atenção da prefeitura para este ponto assim como a atenção da população para esse lugar abandonado que por ser um espaço público pertence a todos e que todos deveriam reivindicar a manutenção da praça e que todos têm o direito de usufruir desse espaço com qualidade. Entretanto, as pessoas não percebem ou já se habituaram a essas situações porque fazem parte do seu cotidiano. O cotidiano é o que se passa todos os dias, é o que está estabelecido como rotina, como monotonia, é o que se passa no dia a dia “quando nada se parece passar” (PAIS, 2003, p.28), portanto, é preciso quebrar essa rotina, causar uma ruptura, interrupção no cotidiano para que ocorra uma interferência na percepção dos transeuntes e nas autoridades acerca da praça. Essas ações de intervenção, podendo ser denominadas performances, são agrupadas em quatro grupos: ações corporais, ações inter-relacionais, ações contextuais e ações coletivas (ARAÚJO, 2011, p.2). Há uma grande dificuldade em se conceituar performance, para muitos este é controverso, mas para a melhor compreensão descreveremos performance como atividades que ocorrem durante um determinado período marcado pela presença de um ou mais indivíduo que exerce alguma influência sobre aqueles que o observam (TEIXEIRA, 2000, p.9-10), fazendo uma ressalva de que como as fronteiras na delimitação desse conceito são vagas e que ele pode abarcar novos significados (TEIXEIRA, 2000, p.34), não pretendendo limitá-lo a esse conceito mas esboçar uma significado para um melhor entendimento.



Figura 21: Cotidiano da praça Ipiranga.

A respeito da localidade, não há qualquer empecilho dessas atividades serem realizadas em um espaço público porque as performances têm uma definição espacial extremamente ampla, que não se limita a espaços específicos para exposições artísticas

como teatro, etc. sendo essa passível de ser realizada em qualquer lugar que acomode os atuantes e os espectadores (COHEN, 2007, p.29). A arte da performance recebe um destaque por essa sua posição intervencionista, que propõe provocações, que é não-convencional, que faz uso de materiais não convencionais ou ocasionais, que provoca quebras nas regras estabelecidas, que ocasiona rupturas. Ela é uma arte sem compromissos com formatos estéticos já constituídos (TEIXEIRA, 2000, p.10-11), ou compromisso com mídia, ideologia ou expectativa por parte dos espectadores, pois é uma linguagem de experimentação que prega uma liberdade de criação, no qual o artista comumente liga com a transgressão se libertando das interdições colocadas pela realidade (COHEN 2007, p.45). A seguir será relatado como se realizou a intervenção, explicando cada ação, suas motivações e enquadrando estas dentro dos grupos performáticos acima delimitados.

No dia 05 de março de 2012, a data escolhida para a intervenção, cheguei na praça as 6h30. Logo é possível perceber que lentamente a praça vai seguindo seu ritmo, foi possível ver um mendigo dormindo sobre uma das muretas, trabalhadores no ponto de ônibus, alunos atravessando a praça a caminho do colégio, pessoas esperando o comércio abrir, algumas em pé ao lado do poupa tempo, outras a caminho do serviço, algumas barracas de camelôs já montadas, outros vendedores montando suas barracas, vendedores ambulantes oferecendo café da manhã e pão de queijo. Conhecidos acenam e se cumprimentam para logo seguir seu caminho, a rotina está estabelecida.

Conforme outros alunos foram chegando, nos agrupamos e começamos a nos organizar na praça. Logo as pessoas começaram a olhar a aglomeração, principalmente depois que chegamos com uma pilha de livros sobre um enorme carrinho, antes mesmo de arrumar por completo a mesa pessoas foram se aproximando. Assim que explicamos que os livros não tinham custos e que cada pessoa podia levar consigo um livro, as pessoas foram se aproximando com interesse. Um vendedor avisa aos outros, uma pessoa que quer mais de um livro chama um amigo para que esse pegue um livro para ela. A ideia da banca de livros havia surgido diante da quantidade de barracas de camelôs existentes na praça e que acabam dominando a paisagem. A barraca de livros ao mesmo tempo em que parece se encaixar nesse padrão o quebra na medida em que faz doações ao invés de comercializar. Essa ação de intervenção pode ser considerada uma ação inter-relacional na medida em que o foco está na interação entre aqueles que realizam a performance e os transeuntes, seja essa de fato concretizada ou frustrada

(ARAUJO, 2011, p.3). Portanto, situamos nesse dia cinco de março, no período da manhã, na Praça Ipiranga, a realização da barraca de livros como uma performance na qual exercemos uma atividade que interfere no cotidiano dos transeuntes, em sua maioria uma ação bem sucedida, na qual os passantes, mesmo aqueles a princípio receosos que os livros não fossem de graça e se tratasse de alguma piada, aqueles que interagiram e divulgaram, a um caso isolado que de fato chamou atenção no qual uma mãe, mesmo sabendo do custo zero, proibiu sua filha que levasse um livro.



Figura 22: Livros arrecadados para a intervenção



Figura 23: Organização dos livros.



Figura 24: Barraca de livros em funcionamento

Outra ação que poderíamos caracterizar como interrelacional foi a distribuição de pacotes de pipoca doces, esta ocorreu em diversos pontos, tanto na representação de uma sala de estar montada no meio da praça, quanto na barraca de livros e no coreto. A ação foi bem sucedida já que todos os pacotes foram entregues, tanto para crianças quanto para adultos. Um caso isolado que se destacou se deu quando os pacotes acabaram e algumas pessoas que não haviam recebido e ainda queriam se sentiram de certa forma ofendidas, agindo de modo rude e cobrando mais. Um senhor em específico pediu um pacote, entretanto o saco com as pipocas estava vazio e ele foi informado que não seria possível, pois as pipocas haviam acabado, este com uma expressão agressiva resmungou coisas ofensivas a um colega que estava ao seu lado e pegou um pacote já aberto que foi deixado por alguém sobre a mureta próxima e saiu comendo a pipoca. Essas ações interrelacionais geram interações inesperadas dos mais diversos tipos, tanto positivas quanto negativas, sendo que em muitas foram alcançados o resultado esperado. Esse resultado inesperado se dá pela interação dos *performers* com pessoas desconhecidas, podendo gerar os mais diversos tipos de reações (ARAUJO, 2011, p.3-4), entretanto, a todo o momento o grupo tentou agir da maneira mais educada possível, tentando sempre demonstrar respeito ao público por mais que esses pudessem agir com desconfiança, suspeita, de forma rude ou intolerante.

Minha participação na distribuição de pipocas foi limitada, minha participação mais ativa foi na barraca de livros, já que desde as preparações anteriores estive envolvida com essa atividade, me senti particularmente realizada. A ação no geral foi um sucesso, os livros foram quase todos doados, as pessoas tinham um interesse grande, muitos queriam levar mais de um livro, uma pessoa avisava a outra, um amigo pedia a um

familiar que viesse buscar um livro também. Infelizmente a população brasileira não possui um hábito de leitura e a escola e os familiares (ato que comprovei empiricamente nessa intervenção) não incentivam, entretanto, foi surpreendente o interesse da população por livros durante essa ação, a busca por assuntos diversificados, de romance a religião, de aventura a drama, de poesia a livros técnicos.

Uma figura de destaque nessa intervenção foi o Professor, um vendedor que sempre monta sua barraca perto do lugar onde os alunos aleatoriamente se reuniram. Esse senhor com uma barraca de eletrônicos foi quem ofereceu seu carrinho para que buscássemos os livros e permitiu que usássemos este como bancada para exibição dos livros. Ele mostrou um interesse muito grande por estes, levando muito tempo analisando todos até escolher um: *Clara dos anjos*. Ele também ajudou na divulgação e incentivava as outras pessoas a escolherem um livro, conversava abertamente com todos e demonstrava seu interesse pela atividade, reforçava sua felicidade diante dessa ação e incentivava que novas intervenções ocorressem. Foi inusitado uma pessoa comum, que vive mediante uma atividade de venda de aparelhos eletrônicos em uma praça ter um interesse tão grande por leitura dos mais diversos tipos. Para agradecermos por sua ajuda oferecemos a ele a possibilidade de pegar outro livro, e ele optou por um livro de filosofia o que novamente surpreendeu a todos. No final da manhã com o término da ação oferecemos a ele a possibilidade de escolher outros livros, e ele escolheu um livro de cultura da mídia e história do Brasil. Creio que como pesquisadora que deveria estar aberta a esse espaço, sabendo da diversidade de reações que essa intervenção poderia gerar ainda assim me vi surpresa, tanto pelo interesse, quanto pelo desinteresse, quanto pelo interesse excessivo se um senhor, que parece levar uma vida difícil, que trabalha o dia todo numa praça, mas que busca adquirir conhecimento entre os saberes mais diversos. Que apreciou o trabalho desenvolvido, que mostrou sua felicidade diante dessa e de outras ações que provocaram uma melhora na praça. O Professor que senta em frente a sua barraca, com os olhos apertados e com total concentração lendo os novos livros que acabou de adquirir.



Figura 25: Foto do Professor, figura peculiar com que nos deparamos na praça durante nossas ações de intervenção.



Figura 26: Carrinho emprestado pelo professor para transportar e organizar os livros.

Uma ação desenvolvida parcialmente em conjunto com a barraca de livros foi a distribuição de frases das mais diversas. Todos os alunos selecionaram dez frases e escreveram em tiras, algumas foram distribuídas para as pessoas que levavam um livro da banca, outras foram amarradas em balões também distribuídas entre os passantes.



Foto 27: Seleção de frases.

Além da barraca de livros outros tipos de performances foram realizadas. Uma delas foi a construção de uma sala de estar no meio da praça. Como esta acabou se tornando apenas um lugar de passagem, onde as pessoas não se fixam, e como há pouco conforto e nenhum lugar onde se descansar, bancos para sentar, de forma que fosse possível parar e olhar o lugar, a população passa desatenta por esse ambiente. Criar um espaço familiar no meio de um lugar público, um lugar para se fixar quando todos passam apressados e correndo, faz com que as pessoas percebam que aquele espaço pertence a elas, que tem como finalidade o lazer e que deveria gerar um espaço de conforto para elas. Colocamos a disposição sofás, uma poltrona e uma TV. Na televisão exibimos um vídeo com uma trilha sonora criada pelos próprios alunos e com cenas das praças, do seus dias, dos ônibus, das avenidas, das barracas, dos comerciantes, dos estudantes, dos trabalhadores. Esse espaço se caracteriza como uma performance porque o atuante não precisa ser necessariamente um ser humano, este poderia ser um animal, um boneco, ou no caso da intervenção realizada objetos esses que interagem, que quebram com o espaço, como cotidiano, que causam uma reação no público. A simples exibição de um vídeo pré-gravado não caracteriza uma performance, mas como esse foi contextualizado na praça, dentro de um sequência maior agindo em paralelo com outras ações, ele é considerado sim uma intervenção, uma performance (COHEN, 2007, p.28).

O coreto foi outro local utilizado pela intervenção, o objetivo inicial é que nesse espaço fosse construída a sala de estar, mas este se mostrava ineficaz pois aqueles que passavam não subiam no coreto para desfrutar do espaço que construímos. Este então foi decorado com sombrinhas, essas se relacionaram com outra performance coletiva no qual se fez uso de sombrinhas recortadas sobre o qual irei discorrer mais a frente.

Apesar de ter muitas árvores, elas são pouco cuidadas, e com exceção de um ipê

que não floresce em todas as épocas do ano, e de outros poucos arbustos que florescem parcamente, são poucas as cores provenientes por parte da vegetação. Baseado nesse fato, outra ação desenvolvida foi a de plantar flores pelos canteiros com a intenção de transformar este em um espaço mais bonito, já que muitos fatores contribuem para que este seja um espaço pouco atraente, muitos desses já elencados anteriormente, além de trazer um pouco mais de cor a essa praça tão apagada diante da rapidez do fluxo e da monotonia do cotidiano. Juntamente com as flores colocamos mensagens positivas e reafirmando a ideia de que a praça pertence a todos.

Dentre as categorias das ações listadas anteriormente, tanto a ação de construção da sala de estar, o ato de plantar flores, quanto a ação com sombrinhas no coreto podem ser categorizadas como ações contextuais, pois estabelecem um diálogo com o ambiente que o cerca, seu espaço geográfico, seus usos e funcionalidades, suas dimensões tanto simbólicas quanto arquitetônicas. Ou seja, essas ações criam falhas, tensões, ruídos no ambiente, fazendo uso de elementos ou significados presentes neste – sentido de passagem e o coreto depredado e pouco utilizado – de forma a criar ressignificações e demonstrando as contradições presente no espaço (ARAÚJO, 20112, p.4) que deveria ser um ambiente de lazer, de todos, que deveria ter um uso maior do que um ponto de passagem.

Além dessas, outras duas ações foram desenvolvidas, uma na qual a estudante Karina com sua filha realizaram uma performance isolada em que vestidas de maneiras diferentes e maquiadas, distribuíram balinhas pela praça com a seguinte frase: “Sorria, essa praça também é sua”.

A outra ação consistiu em uma performance coletiva desenvolvida pela estudante Elka Moura, na qual um grande número de pessoas, com sombrinhas recortadas, transitaram por uma parte da praça, conforme uma música desenvolvida especificamente para esse momento por dois alunos, Luciano Campbell e Jasson André, no qual foram realizados posições, interações com as sombrinhas, movimentos e paradas bruscas, causando um grande estranhamento aqueles que passavam pelo lugar. Uma das possíveis interpretações é de que as sombrinhas rasgadas remetiam a funcionalidade perdida da praça e os movimentos representavam as interações entre o público e a praça, mas ressalto que as interpretações podem ser diversas, pois essa é uma possibilidade que a performance oferece. Essa é uma ação considerada coletiva na qual uma parcela significativa do grupo desenvolveu uma mesma ação, realizada

simultaneamente durante um determinado período de tempo (ARAÚJO, 2011, p.5). A ação visivelmente gerou um estranhamento naqueles que passavam, tão acostumados a seu cotidiano e, quando ocorrem manifestações artísticas estão habituados a previsibilidade da arte convencional. Até a década de 60, a arte era vista através de duas categorias: a escultura e a pintura, mas com o surgimento de diversas manifestações artísticas contemporâneas que exigiram seu espaço como expressão artística, temos a ampliação do entendimento de arte e das possibilidades através das quais essa pode se manifestar (ARCHER apud BARBOSA, 2009, p.340). A performance não é uma manifestação artística tradicional, não é de sua natureza ser estética, ela visa causar uma mudança no receptor, tem a função de modificar, de intervir o que gera muitas vezes um choque por parte do público (COHEN, 2007, p.45-46), entretanto, não se buscou oferecer explicações, principalmente durante o ato, por mais que esse possa causar questionamentos, já que a ação e sua realização, as conexões geradas, seja entre o espaço, corpo, público é mais importante do que as explicações e motivos por traz destas (ARAÚJO, 2011, p.3).



Figura 28: Performance com sombrinhas.

As ações realizadas pelo grupo, as experiências por nós e pelos transeuntes vivenciadas, propuseram pensar a cidade de forma crítica através de uma ressignificação da praça para que fosse possível ressaltar os problemas da cidade diante da má utilização e manutenção do espaço público, propiciando a abertura de um espaço para se pensar na necessidade de ambientes de lazer e qualidade para a população. Com manifestações distintas e as mais diversas repercussões, tanto positivas quanto negativas, podemos no final caracterizar essa ação como um sucesso na medida em que

ouve um ganho para a cidade, para universidade, para o programa de pós-graduação, para os alunos, professores e passantes que tiveram a oportunidade de participar dessa manifestação artística intervencionista performática e para aqueles que nesse momento estão lendo esse trabalho. Essa se caracteriza como uma oportunidade de construção de saberes, de vivências, de possibilidades de se refletir e pensar criticamente acerca do lugar em que vivemos e as diversas possibilidades de se intervir, de se fazer ver e ouvir, mesmo que nem todos compreendam ou tenham a mesma percepção diante do que foi realizado.

Fontes das imagens:

Figura 01: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Terminal de ônibus que integra Cuiabá e Várzea Grande. 2012. 1 fotografia.

Figura 02: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Vista da Praça Ipiranga da esquina da Generoso Ponce. 2012. 1 fotografia.

Figura 03: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Gogó da Ema. 2012. 1 fotografia.

Figura 04: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Árvore podada sem qualquer reutilização do espaço. 2012. 1 fotografia.

Figura 05: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Árvore de destaque na praça por seu porte e pelo seu estado. 2012. 1 fotografia.

Figura 06: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Uma das placas que sinalizam a praça em estado deplorável. 2012. 1 fotografia.

Figura 07: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Cano danificado na praça localizado ao lado do coreto. 2012. 1 fotografia.

Figura 08: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Poste envergando devido ao mau uso e falta de manutenção. 2012. 1 fotografia.

Figura 09: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Poste que não fornece qualquer iluminação, com utilidade apenas para os diversos pombos que habitam a praça. 2012. 1 fotografia.

Figura 10: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Pessoas que alimentam os pombos fazem com que esses permaneçam na praça. 2012. 1 fotografia.

Figura 11: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Grande quantidade de pombos circulando livremente pelo local. 2012. 1 fotografia.

Figura 12: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Cestos de lixo disponíveis na praça. 2012. 1 fotografia.

Figura 13: PEIXOTO, Aruã Callil. Chafariz localizado no centro da praça. 2012. 1 fotografia.

Figura 14: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Corrimão que dá acesso ao coreto. 2012. 1 fotografia.

Figura 15: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Topo do coreto danificado pelo tempo e repleto de pombos. 2012. 1 fotografia.

Figura 16: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Coreto da Praça Ipiranga. 2012. 1 fotografia.

Figura 17: PEIXOTO, Aruã Callil. Praça sendo usada como ponto de encontro. 2012. 1 fotografia.

Figura 18: PEIXOTO, Aruã Callil. Camelôs. 2012. 1 fotografia.

Figura 19: PEIXOTO, Aruã Callil. Mendigo dormindo na praça durante o dia. 2012. 1 fotografia.

Figura 20: PEIXOTO, Aruã Callil. Presença de vendedores ambulantes. 2012. 1 fotografia.

Figura 21: PEIXOTO, Aruã Callil. Cotidiano da praça Ipiranga. 2012. 1 fotografia.

Figura 22: KOBAYASHI, Juliana Sayumi. Livros arrecadados para a intervenção. 2012. 1 fotografia.

Figura 23: VICTORINO, Elka Moura. Organização dos livros. 2012. 1 fotografia.

Figura 24: VICTORINO, Elka Moura. Barraca de livros em funcionamento. 2012. 1 fotografia.

Figura 25: VICTORINO, Elka Moura. Foto do Professor, figura peculiar com que nos deparamos na praça durante nossas ações de intervenção. 2012. 1 fotografia.

Figura 26: VICTORINO, Elka Moura. Carrinho emprestado pelo professor para transportar e organizar os livros. 2012. 1 fotografia.

Foto 27: CORADINI, Ângela Mastella. Seleção de frases. 2012. 1 fotografia.

Figura 28: CORADINI, Ângela Mastella. Performance com sombrinhas. 2012. 1 fotografia.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Antônio Carlos de. *Ações Disruptivas no Espaço Urbano*. VI Reunião Científica da ABRACE, Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (orgs.) *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz; GUSMÃO, Rita. (orgs.) *Performance, cultura e espetacularidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em dezembro de 2013.